

IDENTIFICAÇÃO DOS FATORES DE INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE JOVENS FUTEOLISTAS, SEGUNDO A PERCEPÇÃO DE TREINADORES DE ESCOLINHAS DE FUTEBOLAnelize Gabriele Peressute Ribeiro¹, Anderson Caetano Paulo², Ana Paula Cabral Bonin Maoski²**RESUMO**

Esse estudo investigou quais seriam os fatores de influência na formação de jovens futebolistas segundo a percepção de treinadores de escolinhas de futebol. A amostra foi composta por cinco treinadores de diferentes escolinhas da cidade de Curitiba. A pesquisa tem caráter qualitativo e utiliza-se de pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas, com análise de conteúdo para interpretação dos dados. Dentre os resultados obtidos, alguns fatores de influência foram encontrados, e estes atuam entre os indivíduos envolvidos direta e indiretamente com o ensino do futebol, que ao conhecerem estes fatores de influência, podem tornar o futebol não apenas como uma ferramenta de treinamento, mas de formação pessoal também.

Palavras chave: Futebol. Treinadores. Ensino.

ABSTRACT

Identification of the influencing factors in the formation of young football players, according to the perception of football school coaches

This study investigated what would be the influence factors in the formation of young football players according to the perception of coaches of football schools. The sample consisted of five coaches from different football schools in the city of Curitiba. The research is qualitative and uses bibliographic research and semi-structured interviews, with content analysis for data interpretation. Among the results obtained, some influence factors were found, and these act among the individuals involved directly and indirectly with the teaching of football, who, by knowing these factors of influence, can make football not only as a training tool, but personal formation as well.

Key words: Football. Coaches. Teaching.

1 - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil,

2 - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil,

E-mail dos autores:

ane_peressute@hotmail.com
andersoncaetano@gmail.com
bonin.anapaula@gmail.com

Autor para correspondência:

Anelize Gabriele Peressute Ribeiro.
ane_peressute@hotmail.com
 Rua Fernando de Noronha, 2160, Santa Cândida.
 Curitiba, Paraná, Brasil.

INTRODUÇÃO

Há muito tempo o Brasil é uma referência na formação de jogadores de futebol de elite, haja vista as diversas conquistas internacionais em diferentes épocas, e o fato de os principais clubes de futebol do mundo sempre contarem com jogadores brasileiros.

Segundo Campestrini (2009) o Brasil se tornou o maior produtor de jogadores do mundo, sendo que busca atender um mercado em expansão no qual se demanda atletas de todos os níveis para mercados em ascensão como a Ásia, América do Norte e Leste Europeu.

De fato, em 2017, o CIES “football observatory” (Poli, Ravenel, Besson, 2018) revelou que o Brasil tem mais de 1200 jogadores profissionais atuando pelo mundo.

Esse número de jogadores exportados coloca o país à frente da França (781 jogadores) e da Argentina (753 jogadores) que são os segundo e terceiro colocados.

Isso sugere que algo diferenciado acontece no Brasil que possibilita uma constante renovação de bons jogadores que transcende a mera quantidade de praticantes ou o ultrapassado ditado popular: “o jogador brasileiro já nasce feito”.

O Ministério do Esporte (Brasil, 2013) revelou que 48% dos brasileiros associam esporte a futebol, 25,6% pratica algum esporte e desses, 49% jogam futebol.

Entretanto como a maioria desses praticantes realizam uma prática informal e amadora, a grande maioria não terá acesso à formação esportiva profissional, pois o futebol contemporâneo rompeu com o surgimento de jogadores da várzea, de rua ou de prática recreativa (Cavichioli e colaboradores, 2011; Invernizzi, Vaz, Bassani, 2017; Kunz, 2003; Paoli, Silva, Soares, 2008).

Apesar dos fatores de liberdade, criatividade e “malandragem” estarem enraizados na cultura brasileira, as novas exigências do futebol contemporâneo tornam imprescindível a passagem de futuros jogadores por escolinhas de futebol antes de irem para as categorias de base de grandes clubes (Florenzano, 1998).

Nas escolinhas de futebol, crianças e jovens passam anos pelo trabalho de treinadores cujo sucesso na carreira esportiva como um grande atleta não se apresenta como pré-requisito, precisando estes, no entanto, serem conduzidos por um bom ensino

e constante atualização (Rodrigues e colaboradores, 2017; Tozetto e colaboradores, 2017).

Se esse dever de ensino não é executado, o futebol na escolinha se torna um fator de exclusão social, deixando de ser um fator de formação.

A literatura também aponta que os métodos de ensino devem contemplar capacidades motoras e cognitivas, a motivação para a aprendizagem, e a uma boa relação professor-aluno (Bolaños, Paes, Arruda, 2009; Costa, Nascimento, 2004; Lopes e colaboradores, 2016).

Apesar da quantidade de estudos supracitados, apenas 2,19% das publicações tem como escopo a pedagogia do esporte, e boa parte desse percentual é oriundo de revisões de literatura e ensaios (Rufino, Darido, 2011).

O futebol é a modalidade olímpica com maior número de artigos em relação às demais modalidades, tendo 29% da produção científica; porém prevalecem aspectos sociais, culturais, históricos e de treinamento, havendo pouca produção relacionada à pedagogia do futebol (Souza, Moraes, Moreira, 2016).

Portanto, observa-se que a literatura é rica em cartilhas sobre a conduta de treinamento do jovem futebolista, mas é escassa quando se trata de estudo descritivos que analisaram in loco a percepção de treinadores sobre a aplicação do seu processo pedagógico numa escolinha de futebol.

Portanto, o presente estudo visa investigar quais seriam os fatores de influência na formação de jovens futebolistas segundo a percepção de treinadores de escolinhas de futebol

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, com ênfase no processo descritivo e interpretativo das informações e, quanto aos meios, utilizou-se de pesquisa bibliográfica e entrevistas (Gerhardt, Silveira, 2009; Gil, 2008).

A amostra foi composta por cinco participantes, sendo estes treinadores de distintas escolinhas de futebol da cidade de Curitiba-PR.

Os critérios de inclusão foram: ser treinador principal de pelo menos uma equipe da escolinha de futebol; trabalhar com as categorias sub-11 até sub-17, e ter registro no Conselho Regional de Educação Física.

Os treinadores foram nomeados da seguinte forma: Treinador A (correspondente à escola um), B (correspondente à escola dois), C (correspondente a escola três), D (correspondente à escola quatro) e E (correspondente à escola cinco). Os dados gerais dos treinadores estão dispostos na tabela 1.

Todos os treinadores foram informados dos riscos e benefícios da pesquisa e assinaram o termo de consentimento informado. O estudo teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, tendo o seguinte número de parecer: 74983317.0.0000.5547.

Tabela 1 - Dados gerais da entrevista e características dos treinadores.

	Treinador A	Treinador B	Treinador C	Treinador D	Treinador E
Duração da entrevista (min)	45	18	43	41	95
Páginas (laudas)	24	11	22	30	65
Denominação da Escolinha	1	2	3	4	5
Graduação	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Pós-Graduação	Sim	Não	Não	Não	Sim
Idade	35	48	32	24	30
Experiência como professor (anos)	16	25	30	6	6
Experiência como atleta	Não	Sim	Sim	Não	Sim

Como instrumento do estudo, foi realizada uma entrevista semiestruturada com base em 26 perguntas, em estudo maior da presente pesquisa. Para o presente estudo, apenas 16 perguntas foram exploradas (Quadro 1).

Após convite aceito foi encaminhado o roteiro de entrevistas com até três dias de antecedência para que o entrevistado se sentisse mais confortável em respondê-las no dia da entrevista.

A análise dos dados foi feita através da análise de conteúdo de Bardin (Bardin, 1979), que se define como uma união de técnicas de análise das comunicações que aposta no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto.

O rigor, portanto, é o fundamento da análise de conteúdo, havendo-se a possibilidade de ultrapassar os níveis mais superficiais do texto, fornecendo técnicas precisas e objetivas que sejam suficientes para garantir a descoberta do verdadeiro significado (Deusdará, Rocha, 2005).

A Análise de Bardin organiza-se em torno de três fases: 1) Pré-análise, 2) Exploração do material, e 3) Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Quadro 1- Roteiro de perguntas da entrevista semiestruturada

Qual é a sua formação acadêmica?

Qual é a sua idade?

Você está atuando na área a quanto tempo?

Qual é a idade que se inicia a modalidade aqui na escolinha?

Você considera os meninos que treinam com você como alunos ou como atletas? Por quê?

A partir de que idade há a inserção de competições?

A partir de que idade vocês avaliam os atletas?

Vocês pensam em criar futuros atletas? Se sim, a partir de que idade vocês conseguem ter esse direcionamento?

Essas crianças e adolescentes conseguem chegar à carreira profissional? Você tem ideia do número em porcentagem desse índice?

Existem crianças que chegam na categoria dos 10 anos despreparadas?

Como o grupo encara a eliminação precoce de campeonatos? Há variância dessa visão de acordo com a idade dos 10 aos 16 anos?

A quantidade e duração dos treinos varia dos 10 aos 16 anos?

Quanto antes o aluno iniciar a modalidade maiores são as chances de ele se tornar um atleta?

Qual a incidência de lesões nos seus atletas?

Como você conceituaria o sucesso dentro da modalidade? Esse sucesso varia de idade para idade? (dos 10 aos 16 anos)

Você acredita que os pais interferem no rendimento e motivação dos alunos?

RESULTADOS

As cinco entrevistas tiveram um total de quatro horas de gravação, tendo 152 páginas no processo de transcrição (Tabela 1).

Durante a entrevista, cada treinador enunciou suas percepções sobre cada questão, expressando seus sentimentos, convicções, dúvidas e perspectivas.

No que se refere à idade que se inicia a modalidade nas escolinhas, as respostas variaram desde os quatro até os 10 anos, sendo as competições presentes desde os sete até os 10 anos.

Perguntou-se aos treinadores se na sua escolinha havia algum tipo de avaliação dos atletas. Em caso afirmativo, a idade que isso acontece também foi levantada. As escolas dois e cinco não realizam avaliações; as escolas três e quatro realizam avaliação a partir dos 11 anos; e a escola um realiza avaliação a partir dos 10 anos de idade. Nesta escola o treinador afirmou ainda que em uma

de suas “grandes avaliações”, direcionadas apenas as equipes de competição, dos 140 meninos que tentaram fazer parte, apenas 15 foram selecionados.

A tabela 2 aponta o grupo de respostas dos treinadores, no que se refere à pretensão dos mesmos de encaminhar atletas para categorias de base de clubes profissionais, e se isso acontece, em que idade é feita. Todos os treinadores afirmaram que tem essa pretensão e, segundo eles, isso deveria acontecer mais tarde do que realmente acontece. Dentre os fatores citados que colaboram para essa direção precoce estão os pais que insistem em um encaminhamento dos filhos o mais rápido possível (Treinador A), o sistema atual em que o futebol se encontra, aonde “tornou-se prematuro” (Treinador C), e a realidade no Brasil de “que quanto antes o aluno iniciar a modalidade, melhores são os resultados” (Treinador E).

Tabela 2 - Pretensão de encaminhar jogadores a grandes clubes de futebol.

Escola	Encaminha atletas para clubes de futebol?	Observações
Escola 1	Sim	-Deveria ser a partir dos 15 anos. -Já encaminhou meninos com 11 anos.
Escola 2	Sim	-Direcionamento com 14, 15 anos.
Escola 3	Sim	-Direcionamento com 10, 11 anos.
Escola 4	Sim	-Não estipulou idade
Escola 5	Sim	-Idade adequada entre 12-15 anos. -No Brasil, mais especificamente no Paraná é 10 para 11 anos.

Foi questionado aos treinadores se existiam crianças que chegavam na categoria sub-11 despreparadas e todos responderam afirmativamente. O atraso foi atribuído, segundo eles, à falta de vivência dos meninos com a modalidade do futebol (treinadores B e C) e ao atraso motor (treinadores D e E). Esse atraso motor, segundo o treinador D, estaria relacionado a um “contexto cultural”, aonde “o menino se desenvolve muito mais dentro de casa, jogando videogame”, não aumentando assim o seu repertório motor. O atraso motor segundo o treinador D se visualiza em uma “grande maioria”.

No que se refere a eliminação precoce de campeonatos e se há diferenças na visão dos jogadores segundo a idade, os treinadores C e E afirmaram que as crianças menores sentem mais a eliminação, e segundo o treinador E, “categorias menores sentem, e sofrem”, fazendo o professor e o pai chorar. De acordo com o treinador C, isso acontece porque os meninos mais novos “são muito mais o lado emocional”. Já o treinador D citou um aspecto diferente dos demais treinadores, afirmando que os meninos mais velhos, por disputarem competições mais importantes, tendo o “peso da eliminação maior” quando

comparado a uma eliminação da categoria sub-11, podem ter “problemas maiores”.

A organização da quantidade e duração das sessões de treinamento de cada

categoria e escolinha está expressa na tabela 3.

Tabela 3 - Quantidade e duração das sessões de treinamento.

	Escolinha 1	Escolinha 2	Escolinha 3	Escolinha 4	Escolinha 5
	Categoria Sub-11				
Nº de sessões	3 x semana	2 x semana	3 x semana	2 x semana	2 x semana
Duração (h:min)	2:00	1:45	1:40	1:20	1:15
	Categoria Sub-13				
Nº de sessões	3 x semana	2 x semana	3 x semana	4 x semana	2 x semana
Duração (min)	2:00	1:45	1:40	1:00	1:15
	Categoria Sub-15				
Nº de sessões	5 x semana	2 x semana	5 x semana	5 x semana	2 x semana
Duração (min)	2:30	1:45	2:30	1:20	1:15
	Categoria Sub-17				
Nº de sessões	---	---	5 x semana	5 x semana	2 x semana
Duração (min)	---	---	2:30	1:20	1:15

Questionou-se aos treinadores se eles acreditavam que quanto antes o aluno iniciar a prática da modalidade, maiores são as chances de se preparar um futuro atleta. Três dos treinadores da pesquisa acreditavam nisso (treinadores B, C e E), sendo que segundo o treinador B, isso acontece porque quando o menino é mais novo, a absorção dos conteúdos é muito mais rápida e o tempo de preparação é maior. O treinador E declarou que as chances de se tornar atleta são maiores quanto antes for a “vivência” desse menino na modalidade por conta dos estímulos pelos quais ele vai passar. Essa vivência, se refere aos momentos em que o menino joga “pelo prazer de jogar” ou seja, “brincar com a bola porque ele quer, porque ele gosta”. Já os treinadores A e D afirmaram que poderão ocorrer benefícios em se iniciar cedo na modalidade, mas esse fato não necessariamente será determinante “no sentido de que se ele vai virar profissional ou não” (treinador D), tendo em vista que “isso depende de vários fatores” (treinador A).

Buscou-se verificar se há um elevado índice de lesões nas escolinhas. Segundo os treinadores, as lesões que acontecem são por conta do próprio contato físico da modalidade, existindo pouquíssimas lesões decorrentes de carga de treinamento. Entretanto, os treinadores A e C relataram alguns problemas decorrentes de carga de treinamento. O treinador A relatou que há maiores índices de lesões com os meninos que treinam futsal, porque segundo o treinador, normalmente com o futsal “não tem controle da carga”; enquanto que o treinador C disse existir problemas

musculares com as categorias sub-15 e sub-17, o que “não era para acontecer pela idade que eles têm”.

No que tange a conceituação de “sucesso” dentro da modalidade, para dois dos treinadores (A e D) o sucesso principal é inserir o maior número de atletas em clubes profissionais. O interessante é que após essa definição de sucesso, os treinadores incluíram outros aspectos também, que podem ser secundários, ou até mesmo citados como “pequenas conquistas” (treinador D). Estes outros aspectos incluem a evolução dos alunos desde o início da trajetória, tanto no aspecto de habilidades como mudanças de comportamento (treinador A) e evolução através do aprendizado (treinador D). Para o treinador B, sucesso pode ser caracterizado como muito tempo de treinamento, dedicação e persistência; enquanto para o treinador C, o sucesso da modalidade é definido pela seleção brasileira, sendo ela “o grau maior de um atleta”. O treinador E definiu o sucesso como a autonomia do aluno ao jogar futebol, sendo que esta acontece quando não existe interferência dele durante o jogo.

Um dos questionamentos que mais gerou dúvida por parte dos treinadores participantes da pesquisa foi se eles consideram os meninos que eles treinam como alunos ou atletas. O treinador A considera os praticantes da escolinha como alunos e aqueles que compõem as equipes de competição como atletas, dando a justificativa de que a diferença está na forma de trabalho e no tempo destinado ao treinamento. Os treinadores B, C e E classificaram seu público

como sendo “meio a meio”. Já o treinador D foi seguro em afirmar que considera os meninos como atletas, pela “responsabilidade que eles já têm que ter” principalmente com o comprometimento com o treinamento. Na

tabela 6 é possível verificar a maneira como os treinadores citaram seu público, bem como o número de vezes que ocorrem durante a entrevista.

Tabela 6 - Quantidade de vezes que os treinadores denominaram os praticantes de futebol na sua respectiva escolinha.

Treinador	Denominou de “Aluno”	Denominou de “Atleta”	Denominou de “Menino”
A	2 (3,4%)	2 (3,4%)	55 (93,2%)
B	4 (40,0%)	6 (60,0%)	0 (0,0%)
C	10 (12,2%)	69 (84,1%)	3 (3,6%)
D	0 (0,0%)	65 (54,6%)	54 (45,4%)
E	12 (4,3%)	14 (5,1%)	251 (90,6%)

Muitas crianças e adolescentes almejam chegar à carreira profissional de futebol, e em vista disso, perguntou-se aos treinadores se eles sabiam quantos destes

que tentam, tornam-se jogadores profissionais. O índice apontado e o resumo das justificativas estão dispostos na tabela 7.

Tabela 7 - Quantidade e justificativas de quantos praticantes de futebol se tornam profissionais, na percepção dos treinadores.

Treinador	Quantidade	Justificativas
Treinador A	A cada 10 atletas que tentam talvez nenhum consiga.	Muitos fatores, que não possuem necessariamente uma lógica, mas que podem incluir aspectos mentais, psicológicos, determinação e qualidade.
Treinador B	“Possibilidade boa”.	Não justificou.
Treinador C	Porcentagem de “aproveitamento” não chega a 10%, sendo que o clube que consegue essa porcentagem, já tem um grande mérito.	A trajetória da carreira de um atleta é complicada, sendo que muitos se perdem no caminho.
Treinador D	A cada 3.000 atletas que “tentam ser jogadores de futebol profissional, 1 apenas é”.	Não justificou.
Treinador E	A cada 3.000 meninos, apenas um consegue virar jogador.	O “chegar não é o difícil”, mas sim permanecer.

Sobre a questão se há influência dos pais no processo de formação e treinamento todos os treinadores foram categóricos em afirmar que sim. A influência citada pelos treinadores acontece tanto de maneira benéfica quanto maléfica, sendo em sua maioria, maléfica. Por exemplo, o treinador A afirmou que a escola “tenta fazer um trabalho de conscientização com os pais”, mas existem pais que aceitam facilmente e outros que não aceitam. O treinador C afirmou que os pais colocam uma “carga muito pesada no aluno”, sendo que por conta da pressão dos pais

perde-se muitos atletas na faixa dos 10 a 14 anos, porque o aluno “já não quer aquilo mais, ele quer um refúgio”. O treinador D também afirmou que a escola tenta minimizar essas situações, mas segundo ele é “bem complicado porque o vínculo pai e filho é muito maior do que professor e atleta”.

DISCUSSÃO

Para delinear a discussão, seis condições serão apresentadas, respectivamente: o início da prática da

modalidade nas escolinhas, a organização do treinamento aplicado, a competição no processo de formação, o aparecimento de lesão, a influência da família e por fim o sucesso no processo de formação.

Início da prática

No que se refere à idade que se inicia a modalidade na escolinha, as respostas variaram, desde os quatro anos até os 10 anos.

Segundo Gallahue e Donnelly (2008) a criança na faixa etária dos quatro anos está no estágio elementar da fase motora fundamental, logo, a princípio, não seria comum a prática de atividades esportivas, visto que apenas as habilidades motoras fundamentais de maneira geral deveriam ser trabalhadas.

A inserção de competições nas escolas varia iniciando-se dos sete aos 10 anos. O Brasil é um dos países em que a prática em competições está presente em idades cada vez mais precoces e isso acontece porque os campeonatos de diversas modalidades são realizados pelas respectivas federações (Souto, 2002).

Alguns autores propõem a idade ideal para que a competição passe a ser implementada na rotina dos praticantes sendo estas respectivamente 11, 12, 14 e 8 (Almeida, 1996; Gallahue, Donnelly, 2008; Neto, 1996; Schmidt, Wrisberg, 2001).

Assim como nas escolinhas visitadas, parece não haver um consenso na literatura sobre a idade ideal para o início da inserção de competições.

Todos os treinadores afirmaram existir crianças que chegam na categoria sub-11 despreparadas, sendo o atraso atribuído à falta de vivência dos meninos com a modalidade do futebol e ao atraso motor.

Os autores Willrich, Azevedo e Fernandes (2009) reforçam que atrasos motores acarretam prejuízos que podem se estender até a fase adulta, sendo de extrema importância eliminar, sempre que possível, os fatores de risco que na atualidade, são muito frequentes.

A maior parte dos treinadores entrevistados (60%) não acreditam que quanto antes o aluno inicie a prática da modalidade maiores são as chances de se preparar um futuro atleta, e ter assim vantagens sob as outras equipes já dentro das competições.

Este resultado vai contra a fala de Piccolo (1999), que afirma que por meio de modelos internacionais que vem sendo copiados há várias décadas, no Brasil, mantém-se a ilusão de que quanto mais cedo se começar o treinamento maior será o índice técnico alcançado.

Organização do treinamento aplicado

Os treinos aplicados nas escolas acontecem em média 3x na semana com uma duração média de 1 hora e 30 minutos para categoria sub-11e 5x na semana, com uma duração média de 1 hora e 40 minutos para categoria sub-17.

Segundo o conceito de Kunz (1994) a especialização precoce se efetivaria em três treinos semanais, tendo como objetivo um aumento constante de rendimento, havendo participações em competições antes da fase pubertária.

Em três das escolinhas a categoria sub-11 treina três vezes na semana, e estas já estão inseridas em competições. De acordo com este critério proposto pelo autor, há a presença de especialização precoce nestas escolas.

De fato, todos os treinadores entrevistados pretendem criar atletas, havendo um direcionamento prematuro à carreira profissional em relação ao que eles consideram adequado.

De acordo com Monteiro e Cardoso (2011) o local de aprendizagem não é um lugar de formação de atletas, o que não tira o fato de que possam sim ser descobertos novos talentos.

No futebol preconiza-se que a especialização seja obtida em um momento mais tardio, por ser necessária uma variedade de gestos bem maiores que a dos desportos baseados em estruturas motoras, gestuais, cíclicas, estreitas e fechadas (Costa e colaboradores, 2010).

Porém, segundo os autores, no futebol brasileiro o processo sistematizado de treinamento e seleção de potenciais atletas para as categorias contém uma iniciação muito precoce.

Essa evidência é fortalecida pelo fato de que a maior parte das escolinhas entrevistadas apresentam avaliações que visam escolher os melhores para compor suas equipes.

Segundo Paes e Balbino (2005) as escolas são responsáveis por promover o

esporte como um meio de integração e interação das pessoas que o praticam.

De acordo com Paoli (2007), em uma “peneira”, os meninos são avaliados pelo que conseguem fazer, e não pelo que seriam capazes de aprender a fazer.

Competição no processo de formação

Diante do cenário de possível eliminação precoce de campeonatos, 40% dos treinadores afirmaram que as crianças menores sentem mais a eliminação, enquanto outros treinadores afirmaram que são os mais velhos por disputarem competições mais importantes, vêm na eliminação um peso maior.

Segundo Neto (1996) as crianças mais novas não possuem uma base sólida para suportar as tensões ocasionadas pela incerteza da competição, podendo gerar desmotivação pela prática.

Segundo Barbieri e Benites (2007) para amenizar problemas desde os mais novos até os mais velhos, é necessária a implantação de um processo adequado através da iniciação da especialização da criança e do adolescente a partir do ponto que eles apresentem um determinado aspecto maturacional de desenvolvimento motor e psicológico bem fundamentado, sendo a competição caracterizada de acordo com os participantes.

Aparecimento de lesão

Em 40% das escolinhas foi relatado que há problemas com o índice de lesões nos atletas, sendo que o treinador C disse que tem maiores problemas com os meninos que treinam futsal. O treinador B afirmou ter problemas com as categorias sub-15 e sub-17, o que segundo ele o que “não era para acontecer pela idade que eles têm”.

De acordo com Powers e Howlet (2000) o excesso de treinamento em crianças e adolescentes provoca a possibilidade de lesões musculoesqueléticas, sendo que os ossos em crescimento são mais suscetíveis a lesões nas cartilagens.

Para evitar que esse problema aconteça, Silva e colaboradores (2006) sugerem como possível opção recursos metodológicos de ensino, formando uma base de musculatura fortalecida na fase inicial, a ponto de que a criança consiga realizar movimentos complexos sem sofrer nenhum

tipo de lesão por conta da prática de movimento errados.

Influência da família

Todos os treinadores afirmaram que a influência dos pais é muito presente na trajetória dos filhos dentro da modalidade. Evidencia-se o fato de que alguns dos treinadores já tinham citado os pais no decorrer da entrevista, antes mesmo de serem questionados sobre essa influência.

Durante toda a entrevista, o treinador A citou a palavra “pai” ou “pais” 32 vezes; enquanto o treinador E citou 53 vezes. A influência citada pelos treinadores acontece tanto de maneira benéfica quanto maléfica, porém, a maioria dos casos citados foram de influências maléficas.

Melo e colaboradores (2007) afirmam que é importante destacar que os pais e os dirigentes esportivos são corresponsáveis pela iniciação adequada da criança na modalidade, tendo que, portanto, trabalhar juntos. As escolinhas da presente pesquisa mostraram que tentam implantar um sistema no qual esse trabalho conjunto seja realizado de maneira mais harmoniosa, porém, ainda existem barreiras a serem transpassadas. O treinador E afirmou que nas categorias menores observa-se que os pais homens influenciam e normalmente a influência é negativa, enquanto as mães são as que influenciam positivamente.

Segundo a literatura, os pais e parentes aspiram nas crianças e jovens um futuro de melhores condições econômicas, tais quais dos grandes atletas do esporte profissional (Galatti, 2006), sustentando teorias de que iniciar os filhos cedo no futebol poderá lhes garantir êxito no futuro, porém, isso não se concretiza na maioria das vezes (Barbieri, Benites, 2007).

Se busca a formação de um atleta, visto e tratado como algo lucrativo (Souza, 2004), visando sempre o melhor resultado (Barbieri, Benites, 2007) e o que realmente acontece é uma prática incompatível com os interesses da idade, que tem se constituído num cenário de agressões, sobretudo emocionais (Melo e colaboradores, 2007).

A estrutura aonde a criança está presente atende os interesses do próprio sistema, ou seja dos técnicos, pais e dirigentes, e não os da criança (Santana, 2002).

Sucesso no processo de formação

Quarenta por cento dos treinadores entrevistados definiram o “sucesso” dentro da modalidade como sendo a inserção do maior número de atletas em clubes profissionais.

De acordo com Janssen e Dale (2002) o sucesso do treinador é avaliado não só por suas vitórias, mas também pela qualidade das relações com os atletas.

Muitas vezes os termos “atleta” e “aluno” acabam sendo referidos como sinônimos, ou usados juntamente, sendo designado como “aluno-atleta”.

Diante disso, vemos a necessidade de conceituar as duas palavras de acordo com o Dicionário Michaelis (Weiszflog, 2004):

Atleta: “Pessoa treinada para competir, profissionalmente ou como amador, em exercícios, esportes ou jogos que requerem força, agilidade e resistência; esportista”.

Aluno: “Pessoa que recebe ou recebeu instrução ou educação de um mestre ou preceptor; discípulo, educandos; indivíduo que tem poucos conhecimentos em determinada matéria; aprendiz”.

Tomando como base os números expostos na tabela 7, vemos que a maioria dos treinadores realmente foram coerentes na hora da resposta à pergunta feita e nas citações durante a entrevista também, designando os meninos como atletas, alunos ou “aluno-atleta”.

Entretanto, o treinador C considerou a pergunta muito “relativa”, mas logo depois, afirmou que na escola eles trabalham com a mentalidade de formar atletas, não deixando de lado o trabalho social que então iria abranger “o aluno”.

Porém, de acordo com os números (Tabela 7), pode-se constatar que ele se referia ao público muito mais como atletas do que como alunos, sendo então a sua preferência denominá-los como atletas.

A maioria dos treinadores (60%) não sabia ao certo quantos atletas conseguiam chegar à carreira profissional, enquanto 40% afirmaram que a cada 3.000 atletas apenas 1 consegue.

Segundo Toledo (2002) apenas 1% de aspirantes à profissão é aproveitado, em média. Podemos ver que a porcentagem de aproveitamento é muito pequena, e isso pode acontecer em virtude de diversos fatores.

CONCLUSÃO

Alguns fatores de influência no treinamento de futebol de crianças e adolescentes foram encontrados no presente estudo, são eles: idade inicial na modalidade; inserção de competições na rotina dos praticantes; pretensão de formar atletas profissionais; atraso motor e falta de vivência dos meninos com o futebol; eliminação precoce em campeonatos; especialização precoce e suas implicações; índice de lesões; papel do treinador e dos pais; atribuição do sucesso na modalidade; modo como são tratados os praticantes (alunos e/ou atletas); e por fim o índice de aproveitamento na modalidade.

O presente estudo apresenta a limitação de não ter observado a prática presente nas escolinhas através da observação da rotina dos treinamentos, algo que poderia corroborar ou não com os achados das entrevistas realizadas.

Sugere-se para estudos futuros a observação da prática presente nas escolinhas de futebol incluindo um número maior de participantes; podendo ainda ser investigado esse contexto do treinamento aplicado a praticantes do sexo feminino.

REFERÊNCIAS

- 1-Almeida, L. Iniciação desportiva na escola: a aprendizagem dos esportes coletivos. Departamento de Educação Física e Desportos - UFF. p. 1-11. 1996.
- 2-Barbieri, F.; Benites, L. Especialização precoce: algumas implicações relacionadas ao futebol e futsal. In Machado, A. A. Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da psicologia do esporte. São Paulo. Fontoura. 2008. p. 207-226.
- 3-Bardin, L. Análise de Conteúdo. Lisboa. Edições 70. 1979.
- 4-Bolaños, M.; Paes, R.; Arruda, M. Métodos de ensino nos jogos esportivos. Movimento & Percepção. Vol. 10. p. 264-273. 2009.
- 5-Brasil. A prática de esportes no Brasil. Brasília. 2013.
- 6-Campestrini, G. A responsabilidade social na formação de praticantes para o futebol: análise do processo de formação em clubes

brasileiros. Universidade Técnica de Lisboa. 2009.

7-Cavichioli, F. R.; Cheluchinhak, A.B.; Capraro, A. M.; Junior, W. M.; Mezzadri, F. M. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. Vol. 25. Núm. 4. p. 631-647. 2011.

8-Costa, L.; Nascimento, J. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. *Revista da Educação Física/UEM*. Vol. 15. Núm. 2. p. 49-56. 2004.

9-Costa, I.; Greco, P.; Garganta, J.; Costa.; Mesquita, I. Ensino-aprendizagem e treinamento dos comportamentos tático-técnicos no futebol. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. Vol. 9. Núm. 2. p. 41-61. 2010.

10-Deusdará, B.; Rocha, D. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *Alea*. Vol. 7. p. 305-322. 2005.

11-Florenzano, J. Afonso e Edmundo: a rebeldia do futebol brasileiro. São Paulo. Musa Editora. 1998.

12-Galatti, L. Pedagogia do esporte: O livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. Universidade Estadual de Campinas. 2006.

13-Gallahue, D. L.; Donnelly, F. Educação física desenvolvimentista para todas as crianças. *Phorte*. Vol. 4. 2008.

14-Gerhardt, T.; Silveira, D. Métodos de Pesquisa. Universidade Federal de Uberlândia. 2009.

15-Gil, A. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. Atlas. 2008. p. 1-220.

16-Invernizzi, L.; Vaz, A. F.; Bassani, J. J. Non-professional Soccer in Florianópolis, Brazil: work notes. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. Vol. 31. Núm. 1. p. 271. 2017.

17-Janssen, J.; Dale, G. The Seven Secrets of Successful Coaches. Cary, NC: Winning the Mental Game. 2002.

18-Kunz, E. As dimensões inumanas do esporte de rendimento. *ESEF/UFRGS*. p. 10-19. 1994.

19-Kunz, E. Transformação didático-pedagógica no esporte. Ijuí. 2003.

20-Lopes, P.; Oliveira, M. S.; Fátima, C, R.; Nunomura, m. Motivos de abandono na prática de ginástica artística no contexto extracurricular. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. Vol. 30. Núm. 4. p. 1043-1049. 2016.

21-Melo, M.; Sales, V.; Sampaio, Y. F.; Lima, D. L. F.; Fontenele, F. G. Perfil do profissional que trabalha em escolinhas de iniciação ao futsal. *Coleção Pesquisa em Educação Física*. Vol 6. p. 149-154. 2007.

22-Monteiro, P. J.; Cardoso, R. A. A utilização de jogos educativos para o aprendizado do futebol nas categorias de iniciação Sub-11. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. São Paulo. p. 14-24. 2011.

23-Neto, V. A especialização precoce em escolinhas de futebol. Universidade Estadual de Campinas. 1996.

24-Paes, R.; Balbino, H. Pedagogia do Esporte, Contextos e Perspectivas. Guanabata Koogan. 2005.

25-Paoli, P. Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos. Universidade Gama Filho. 2007.

26-Paoli, P. B.; Silva, C.; Soares, A. Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Futebol*. Vol. 1. Núm. 2. p. 38-52. 2008.

27-Piccolo, V. Pedagogia dos esportes. Papirus. 1999.

28-Poli, R.; Ravenel, L.; Besson, R. The transfer of footballers: a network analysis. *CIES Football Observatory Monthly Report*. Núm. 31. 2018.

29-Powers, S. K.; Howlet, E. T. Fisiologia do exercício - teoria e aplicação ao

condicionamento e ao desempenho. Manole. 2000.

30-Rodrigues, H. D. A.; Costa, G. D. C. T.; Junior, E. L. D. S.; Milistetd, M. As fontes de conhecimento dos treinadores de jovens atletas de basquetebol. Motrivivência. Vol. 29. Núm. 51. p. 100-118. 2017.

31-Rufino, L. G. B.; Darido, S. C. Produção Científica Em Pedagogia Do Esporte: Análise De Alguns Periódicos Nacionais. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Vol. 9. Núm. 2. p. 110-132. 2011.

32-Santana, W. Iniciação Esportiva e Algumas Evidências de Complexidade. Pedagogia do Futsal. Núm. 1. p. 1-6. 2002.

33-Schmidt, R.; Wrisberg, C. Aprendizagem e performance motora. Artmed. p. 1-15. 2001.

34-Silva, O.; Tashiro, T.; Silva, M. O desenvolvimento da coordenação motora aplicada ao futsal na escolinha Dentinho de Leite no município de Areia-PB. Revista Digital. 2006.

35-Souto, V. Esporte de competição para crianças e adolescentes: saúde ou exploração? Universidade Federal de Santa Catarina. 2002.

36-Souza, D.; Moraes, M.; Moreira, T. O perfil da produção científica online em português relacionada às modalidades olímpicas e paralímpicas. Movimento. Vol. 22. Núm. 4. p. 1105-1120. 2016.

37-Souza, R. A Importância da Psicomotricidade para o Desenvolvimento Infantil através do Futebol. Universidade Candido Mendes. 2004.

38-Toledo, L. Lógicas no Futebol. Hucitec. 2002.

39-Tozetto, A.; Galatti, L. R.; Duarte, T.; Milistetd, M. Football coaches' development in Brazil: a focus on the content of learning. Motriz: Revista de Educação Física. Vol. 23. Núm. 3. p. 1-9. 2017.

40-Weiszflog, W. Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Melhoramentos. 2004.

41-Willrich, A.; Azevedo, C. C. F. D.; Fernandes, J. O. Desenvolvimento motor na infância: influência dos fatores de risco e programas de intervenção. Revista Neurociências. Vol. 17. Núm. 1. p. 51-56. 2009.

Recebido para publicação em 06/04/2020

Aceito em 19/09/2020